

Ensaio de Inventário dos Castros do Concelho de Montalegre. — Fernando Barreiros, 15 páginas. Bragança 1914.

O capitão Barreiros publica neste trabalho uma relação de 53 *castros* do concelho de Montalegre, indicando os seus nomes populares e se têm ou não vestígios de fortificações. É um bom elemento de estudo que o novo arqueólogo nos fornece para o conhecimento desse afastado concelho raiano.

V. C.

Necrologia

Joseph Déchelette

A guerra que o ano de 1914 viu desencadear-se, a maior de quantas até hoje tem precipitado os povos e as raças num recontro encarniado, vai acumulando perdas irreparáveis para a Sciencia e para as Artes.

O campo arqueológico encontra-se enlutado como os outros. Joseph Déchelette, conservador do Museu de Roanne, um dos maiores arqueólogos franceses, caíu no campo da honra, onde lutava no seu posto de capitão da reserva.

Não permitem a deficiência de informações e o turvado do momento que corre fazer-lhe a larga noticia necrológica, apreciando os seus merecimentos e obras, que o *Archeologo* desejaria poder inserir nas suas páginas. Citar-se hão ao menos os seus trabalhos principais, que a Biblioteca do Museu Etnológico possui, e que são:

Les vases céramiques ornés de la Gaule romaine (Narbonaise, Aquitaine et Lyonnaise). 2 vol. in-4.º Paris 1904.

Les fouilles du Mont Beuvray de 1897 a 1901. 1 vol. Paris e Autun 1904. *L'oppidum de Bibracte* (guide du touriste). 1 vol. Paris e Autun, sem data.

Manuel d'Archéologie préhistorique celtique et gallo-romaine, 2 tomos e 2 apêndices (6 vol.). Paris 1908, 1910, 1913 e 1914.

Le jeu du Fort chez les Romains, 1 folh. Autun 1909.

Publicou também, de colaboração:

Com E. Brassart: *Les peintures murales du moyen âge et de la Renaissance en Forez*, 1900.

Com diversos: *La collection Millon: Antiquités préhistoriques et gallo-romaines*, 1913.

Além destes trabalhos, Déchelette escreveu numerosíssimos artigos nas revistas científicas da especialidade, os quais aproveitou em grande parte na sua obra monumental do *Manual*. Um destes ar-

tigos, inserto na *Revue Archéologique* (1908, II) sob o título de *Essai sur la chronologie préhistorique de la Péninsule ibérique*, importa-nos, por ser um interessante olhar de conjunto lançado sobre a Arqueologia prehistórica de Portugal e Espanha.

Em Déchelette perdeu a França uma das suas mais altas mentalidades e Portugal um amigo que conhecia bem as suas antiguidades. Ainda bem que esse grande homem teve a felicidade de ver publicada a parte mais importante da sua obra, o que, para aquele que trabalha exclusivamente por amor da sciência, deve ser o maior galardão.

V. C.

Crónica

Excursão alentejana

Durante as últimas férias da Páscoa procedi a alguns estudos arqueológico-etnográficos no Alentejo, e d'elles vou dar noticia sumária, como de outras vezes já tenho feito n-*O Archeologo*.—Excepto as figs. 1 e 13, que assentam em fotografias, todas as restantes tem por base desenhos de Saavedra Machado.

1 de Abril de 1914.—Parti de Lisboa para Évora às 9 horas e 10 minutos, e cheguei a esta cidade à 1 hora e 15 minutos. Demorei-me em Evora até o dia 3. Nestes dias ocupei-me em ver mais uma vez as ruínas romanas e a Biblioteca, e em fazer algumas aquisições para o Museu Etnológico. Tambem visitei o Arquivo do Cabido Ebo-rense, e estive em fábricas de cortumes para colher termos técnicos, e observar algo de Etnografia.

As ruínas de EBORA *Liberalitas Iulia* consistem em panos de mura-lhas, num arco, denominado de *D. Isabel*, e em parte de um templo, a que falsamente chamam de *Diana*. O templo é o mais notável monumento romano de Portugal: estudei-o nas *Religiões da Lusitania*, III, 461-464, e aí aventei a hipótese de que teria sido consagrado a um imperador, isto é, se relacionaria com o culto oficial do séc. II. Foram os Cristãos que nos começos da idade-média o destruíram, com receio dos deuses pagãos, que eram julgados demónios. Andei em volta d'ele à noite: estava luar, e a lua faiscava nos capitéis coríntios: parecia o Génio da Antiguidade que do alto do céu yigiava para que esta histórica reliquia não acabasse de ruir. Não estão os Portugueses possuídos de febre destruidora? No séc. XVI o cardeal D. Henrique, achando-se em Évora, destrufu um arco romano que afrontava a igreja